

O ÚLTIMO ENCONTRO

Mesmo não tendo a pretensão, a princípio, de participar do concurso de crônicas do SINAL-RJ, em comemoração ao Jubileu de Prata da fundação do Sindicato, não pude deixar de relembrar alguns momentos importantes dos quais tive a alegria, em alguns, a angústia, em outros, de participar.

Foram muitas as lembranças: a primeira greve e as suas inquietações; o “corredor polonês” com o caminho atapetado de estalinhos para denunciar as tentativas furtivas dos fura-greve; a altivez e a elegância da saudosa Monica Botafogo passando entre o muro de policiais, no cerco ao prédio do BC no Rio, eternizadas em foto que ficou famosa em nosso meio; a angústia e apreensão no episódio da demissão dos 19 e o alívio, muitos meses depois, pelo retorno deles; mais recentemente, o sufoco na porta da garagem do Meio Circulante quando ficamos entre os caminhões estacionados na entrada dos portões e o comboio da Polícia Militar que queria entrar com o carregamento de numerário.

Em todos esses episódios fui apenas coadjuvante, estava junto porque junto estavam outros em quem podia confiar. Mas, a lembrança de um momento em especial, embora desassociado das investidas sindicais, me encorajou a escrever. O colega Paulo Roberto de Castro, um dos mais importantes personagens da história do nosso Sindicato, lutava contra grave enfermidade que exigiu a sua internação em unidade hospitalar.

Fiquei sabendo que os colegas, Paulino Pimentel, Graça Cenovicz e Dinalva, hoje aposentados, estavam programando fazer-lhe uma visita. Não tinha intimidade com o Paulo Roberto, tive pouco contato pessoal com ele, já enfatizei acima a minha condição de coadjuvante, mas, me sentia devedor dos seus esforços em favor do funcionalismo do Banco Central. Juntei-me ao grupo para a visita. Encontramos o Paulo muito abatido fisicamente, não

PSEUDÔNIMO: 1977

conseguia mais levantar-se dado o comprometimento dos membros inferiores. A despeito disto a conversa foi descontraída e otimista. Pouco se falou da doença, a política e as questões sindicais tinham, para ele, prevalência sobre todas as outras coisas.

Mesmo tendo que se servir de um corpo quase sem vitalidade a mente do Paulo preservava a agilidade e a argúcia, duas das suas principais características. Sua inteligência vibrante não encontrava nas palavras articuladas um meio eficiente para se exteriorizar e ele as atropelava como era costume acontecer nas inúmeras vezes em que liderou as assembleias de funcionários no Rio de Janeiro, demandando dos participantes redobrado esforço para acompanhar as suas argumentações e propostas.

Um dos principais assuntos daquela tarde foi o arrocho que enfrentamos durante os oito anos do governo FHC sem aumento salarial, e que parecia se consolidar no governo Lula, frustrando as nossas expectativas. O Paulo escutou as nossas queixas e ao final profetizou: “Calma, vocês ainda vão voltar ao colo do PT.”

Passados alguns dias deste encontro o Paulo veio a falecer. Alguns anos depois, durante o segundo mandato do Presidente Lula, foi instituída a remuneração por subsídio, promovendo a recuperação salarial de diversas carreiras incluindo as do Banco Central do Brasil. Conforme previra o Paulo, refestelados, voltamos, por pouco tempo é verdade, ao colo do PT.

Desta forma, deixo a minha singela homenagem e a minha gratidão ao idealismo e a competência deste visionário que foi e ainda é, onde quer que esteja, Paulo Roberto de Castro.